

---

# Interações entre Semiótica da Cultura e Organização do Conhecimento: conceitos integradores

*Interactions between semiotics culture and knowledge organization: integrating concepts*

---

**Mona Cleide Quirino da Silva FARIAS (1), Carlos Cândido de ALMEIDA (2)**

(1) Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCI, Grupo de Pesquisa Fundamentos Teóricos da Informação – GPFTI, Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP, Av. Hygundo Muzzi Filho, 737 – Marília (17.525-900) - SP – BRASIL. monaquirino@gmail.com / monaquirino@marilia.unesp.br

(2) Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – PPGCI, Grupo de Pesquisa Fundamentos Teóricos da Informação – GPFTI, Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP, Av. Hygundo Muzzi Filho, 737 – Marília (17.525-900) - SP - BRASIL. carlosalmeida@marilia.unesp.br

## Resumo

A linguagem é uma expressão do conhecimento pela qual podemos estabelecer diálogos nos mais variados contextos. Entendemos o conceito de linguagem a partir da Semiótica da Cultura, teoria russa que estuda a linguagem entre outros sistemas de signos. A linguagem é um fenômeno articulador que condiciona relações transculturais e no âmbito das abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento, como núcleo de investigações que ressaltam discussões com a necessidade de compreender a cultura e o contexto das comunidades discussivas, a linguagem pode favorecer a projeção de novos conhecimentos. Desse núcleo destacamos Antônio García Gutiérrez, Clare Beghtol e Michèle Hudon. Na Semiótica da Cultura destacamos Yuri M. Lotman, Irene Machado, Schnaiderman. Assim, investigamos os conceitos das abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento por uma perspectiva teórico-conceitual da Semiótica da Cultura. Como resultado encontramos as relações teóricas entre os conceitos cultura, linguagem, texto, contexto, tradução e sistemas modelizantes e os conceitos fundamentais à organização do conhecimento: transculturalismo, ética transcultural, garantia cultural, hospitalidade e multilinguismo. Concluímos que os conceitos investigados com base na Semiótica da Cultura revelam à Organização do Conhecimento relações interdisciplinares no âmbito das abordagens socioculturais.

**Palavras chave:** Semiótica da Cultura. Organização do Conhecimento. Linguagem. Abordagens Socioculturais.

## 1. Introdução

A linguagem é uma expressão do conhecimento e nesse contexto entendemos o conhecimento como uma construção coletiva que reflete uma determinada cultura, por isso o consideramos

## Abstract

Language is an expression of knowledge in which we can establish dialogues in several contexts. The concept of language is this study understood from the Semiotics of Culture, a Russian theory that studies the language and other sign systems. Language is an articulating phenomenon that determines cross cultural relations and in the context of socio-cultural approaches to Knowledge Organization, as nucleus of research that highlight discussions with the necessity of understanding the culture and the context of discussive communities, the language can promote the projection of new knowledge. From that nucleus we highlight Antonio García Gutiérrez, Clare Beghtol and Michèle Hudon. In Semiotics of Culture we highlight Yuri M. Lotman, Irene Machado, Schnaiderman. Thus, we investigated the concepts of sociocultural approaches in Knowledge Organization by a theoretical and conceptual perspective of Semiotics of Culture. As a result we find the theoretical relationships between the concepts culture, language, text, context, translation and modeling systems and the key concepts of knowledge organization: transculturalism, transcultural ethics, cultural guarantee, hospitality and multilingualism. We conclude that the concepts investigated based on the Cultural Semiotics reveal the Organization of Knowledge interdisciplinary relationship in socio-cultural approaches.

**Keywords:** Semiotics of Culture. Knowledge Organization. Language. Socio-cultural approaches.

produto da sociedade. Contudo, é necessário reconhecer que, a dinâmica da cultura envolve diversas linguagens e elementos culturais, e o conhecimento retrata uma hibridéz cultural e linguística, tendo em vista os conteúdos cons-

truídos e compartilhados em diversas comunidades.

Neste estudo, consideramos a Organização do Conhecimento como um campo de mediações que nos revela uma diversidade de temas no âmbito da área da Ciência da Informação. Para Dahlberg (2006), compete à Organização do Conhecimento tratar de aspectos voltados à teoria do conceito. Contudo, também podemos citar outros temas que figuram nos estudos da Organização do Conhecimento, a saber: análise e discussões sobre linguagens documentárias e terminologias (Lara, 2011), teorias semânticas, análise conceitual (Brascher e Café, 2011), teoria da classificação, entre outros.

Por abordagens socioculturais entendemos um dos núcleos de estudo da Organização do Conhecimento que contemplam investigações, as quais oferecem uma leitura crítica sobre a cultura e seu contexto social. Nesta linha de estudos, podemos citar teóricos como García Gutiérrez (1998, 2002), Beghtol (2002), Guimarães e Fernández-Molina (2003), Hudon (1997), Hjørland (2003, 2007, 2013) e Campbell (2000, 2010).

Consideramos que as abordagens socioculturais no contexto da Organização do Conhecimento fornecem um contributo para a análise das questões éticas, linguísticas, políticas e sociais que se direcionam à configuração de sistemas de organização e representação do conhecimento. Também entendemos que as reflexões trazidas pelos estudos da Semiótica como “[...] ciência que estuda o signo em geral; todos os signos que formem linguagens ou sistemas” (Beuchot, 2004, p. 7) são fundamentais à Organização do Conhecimento.

No entanto, a Semiótica possui diversas correntes. As mais conhecidas, por vezes entendidas como principais são a Semiótica Peirceana e a Semiologia Estruturalista. A concepção de signo de Peirce (1990, p.4), afirma que o signo é qualquer coisa que conduz a alguma outra coisa (seu interpretante). Nesta linha, Coelho Netto (2010, p.56) destaca que signo é aquilo que sob determinado aspecto representa algo para alguém. Outra concepção de signo foi atribuída por Saussure (1970, p. 81), quando explicou que o signo linguístico constitui-se de uma unidade psíquica de duas faces: a imagem acústica e o conceito, mais propriamente, o significante e o significado. Não obstante, as diversas nuances destas correntes podem não compreender todo o espectro de temas semióticos.

Nesse estudo, destacamos a Semiótica da Cultura, conhecida também como Semiótica Russa, a qual desenvolveu discussões sobre os sistemas de signos (cultura, texto cultural, códigos

culturais e linguagens), em meados da década de 1960. Um dos teóricos que destacamos é Yuri M. Lotman (1990, 1999, 2002, 2003a, 2003b, 2011 e 2013), com a análise da semiótica, isto é, um espaço de desenvolvimento dos sistemas de signos da cultura, um ambiente semiótico sujeito a processos de modelizações e transcódificações.

De antemão, inferimos que os conceitos da Semiótica da Cultura podem inserir questões importantes nas discussões sobre linguagem e cultura, as quais contemplam problemas de ordem dos aspectos multiculturais da linguagem. Para tanto, a análise do conhecimento de uma comunidade discursiva deve rever as condições éticas da representação do conhecimento, a matriz multicultural da sociedade, o respeito às diferenças e a garantia linguística de uma comunidade. Logo, a análise semântica dos conceitos, bem como as categorias utilizadas para organizar o conhecimento, devem revelar estas particularidades culturais. Nesse sentido, entendemos que linguagem é um modo de expressão, que pode ser representada por diversos signos que não seja somente o signo linguístico (Machado, 2003, p. 163). Por isso, as reflexões produzidas na Semiótica da Cultura devem ser tomadas como objeto pela Organização do Conhecimento.

Entendemos que tais discussões podem se somar às discussões sobre linguagem e cultura que potencializem e contribuam com os estudos contemplados pelas abordagens socioculturais, a saber, as questões que envolvem a linguagem, os aspectos éticos e socioculturais da Organização do Conhecimento. Para tanto, objetivamos delinear os diálogos conceituais possíveis entre as abordagens socioculturais e a perspectiva teórica da Semiótica da Cultura.

## **2. Abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento**

As abordagens socioculturais representam investigações que ressaltam a necessidade em compreender a cultura e o contexto das comunidades discursivas. Neste estudo, destacamos as abordagens de Beghtol (2002), Hudon (1997, 1999) e García Gutiérrez (1998, 2002a, 2002b, 2002c, 2004 e 2008), cujo propósito foi apresentar os temas garantia, hospitalidade cultural, multilinguismo e ética transcultural da mediação. Vale destacar que há diversos autores como Barité (2001, 2011), López-Huertas (2006, 2008 e 2010), Smiraglia (2002), que colaboram com análises e discussões socioculturais. Porém, decidimos enfatizar as ideias dos autores citados anteriormente pelo fato de identificarmos

uma aproximação entre as suas investigações e a Semiótica da Cultura. Assim, objetivamos nesta seção destacar que as abordagens socioculturais desencadeiam questões de ordem antropológica, ética e multilíngue, portanto, são consideradas relevantes no contexto desta análise. Desse modo, entendemos que tais investigações podem auxiliar a reflexão sobre os processos de organização e representação do conhecimento sob uma vertente sociocultural. A seguir, introduzimos as abordagens conhecidas como “Ética transcultural da mediação”, “Garantia Cultural” e “Multilinguismo”.

## 2.1. García Gutiérrez e a ética transcultural da mediação

A ética transcultural da mediação é um tratamento transcultural à representação do conhecimento. Ela busca refletir a complexidade existente nas culturas e permite considerar a diversidade de elementos culturais que de forma direta ou indireta estão imbuídos em processos de representação do conhecimento. Guimarães et al. (2005) compreendem a ética transcultural como um fundamento, não somente implica uma desconstrução do campo teórico da Organização do Conhecimento, mas enuncia o surgimento de um novo paradigma.

A abordagem de uma ética transcultural encontra-se relacionada com a temática da “epistemografia interativa”, também discutida por Antônio García Gutiérrez. A epistemografia interativa consiste em uma proposta de abordagem crítica que se opõe à epistemologia em seu caráter tradicional, a qual destaca o conhecimento em um plano ordenado e elitista como entendido pelo autor. Nesse sentido, a epistemografia interativa implica em um novo paradigma cujo propósito é introduzir reflexões que abarquem uma dimensão ética, política e sociocultural no conhecimento à sua organização (García Gutiérrez, 1998, 2002, 2004, 2006).

A ética transcultural da mediação busca também introduzir na prática do profissional mediador uma visão alargada, isto é, transcultural sobre questões de ordem sociocultural, o que implica em uma consciência frente ao que será representado, sem deixar escapar uma ética sobre os aspectos que caracterizam a pluralidade cultural em diversas comunidades.

A discussão da epistemografia interativa retoma também às Linguagens Epistemográficas de García Gutiérrez (1998). As linguagens epistemográficas são consideradas linguagens associativas cujo objetivo é a representação plural de elementos como culturas e línguas diversas. Nesse sentido, García Gutiérrez (2004) conside-

ra que a linguagem codifica o pensamento e isso implica considerarmos que o organizador do conhecimento não escapa aos mecanismos estéticos, emotivos, passionais e cognitivos que venham a se impor sobre sua formação assim como de suas práticas.

García Gutiérrez (1998) destaca que as linguagens epistemográficas possuem duas funções: a normalização do vocabulário e a sugestão de alternativas na representação de informações. Vale ressaltar que o nome linguagem epistemográfica foi cuidadosamente escolhido para representar todo esse mundo de convergência. Por um lado, inspirada pelo adjetivo expressivo de 'Epistemologia prática' de Gardin, que reflete tanto seus métodos de construção assim como suas áreas de aplicação.

Nesse sentido, entendemos que as linguagens epistemográficas consistem em instrumentos de representações cognitivas processadas a partir de construções lógico-semânticas e discursivas. Também compartilham de uma base léxica se aproximando da linguagem natural, o que propõe superar a redução da língua e ainda permitir o uso de substantivos, adjetivos etc., em busca de introduzir no instrumento de representação um caráter transcultural que garanta o respeito frente às questões socioculturais como as de caráter étnico, de gênero entre outras. No entanto, em um processo de organização e representação do conhecimento o profissional, mediador, não é um sujeito omissivo, e por isso no domínio de suas decisões e escolhas para a representação este carrega consigo valores, crenças, os quais estão imbuídos na própria linguagem natural da qual os profissionais possuem.

Consideramos que a ética transcultural da mediação relaciona-se a um tratamento transcultural à representação de um determinado conhecimento, pelo qual devemos considerar a diversidade de elementos complexos (éticos, políticos, linguísticos, históricos e socioculturais) que estão imbuídos nas culturas/contextos das comunidades/usuários e, dessa maneira, necessitam ser contemplados na representação do conhecimento. Desse modo, não podemos deixar de reconhecer que na configuração de um determinado sistema de organização e representação é necessária atenção às questões culturais, ou melhor, as diferenças culturais. Conforme Smith (2001, p. 534), “[...] as diferenças culturais formam os modos com os quais as pessoas se relacionam com a informação e o seu papel na sociedade.” As diferenças culturais evidenciam cada vez mais a dimensão cultural que os indivíduos em suas

comunidades e contextos possuem e, dessa maneira, estabelecem interações.

Vale destacar que a ética transcultural surge como uma proposta teórica no contexto da Organização do Conhecimento, tendo em vista a compreensão de cultura. Partindo do olhar sobre a cultura é que chegamos a noção de transculturalismo conceito mencionado nas abordagens da ética transcultural da mediação de García Gutiérrez, com a qual é possível analisar a transculturalidade em diversas culturas, o que permite entender a cultura como um sistema aberto, dialógico e dinâmico, propondo uma análise crítica sobre a ideia de multiculturalismo. Na esteira dessa discussão e refletindo dessa forma sobre os sistemas de organização e representação do conhecimento, García Gutiérrez propõe um conceito que supere a noção de multiculturalismo que defenda a necessidade de uma mudança de paradigma proposta por meio do conceito de transculturalismo.

A ética transcultural da mediação, no âmbito da Organização do Conhecimento e das abordagens socioculturais, busca compreender a cultura em um plano mais abrangente, sem priorizar particularidades culturais, pois a cultura é entendida como um campo híbrido e destaca-se por suas peculiaridades simbólicas.

## 2.2. Clare Beghtol e a garantia cultural

A concepção de garantia cultural proposta por Clare Beghtol manifesta uma preocupação de caráter ético sobre os sistemas de classificação e representação do conhecimento. Implica uma reflexão crítica sobre os conteúdos informacionais representados, ou aqueles sujeitos à representação. Destacamos que o termo garantia cultural deriva de garantia literária, tal como destacado por Hulme (1911). Nesse sentido, a garantia cultural requer que cada sistema de classificação como, por exemplo, CDU, represente certa cultura, independente de que esta seja a cultura de um país, ou de uma etnia, um grupo, um domínio de artes, um partido político, uma religião e/ou língua (Beghtol, 1986, 2001).

A garantia cultural prevê fomentar o acesso de informações, e a hospitalidade cultural está para o cuidado com a diversidade cultural e linguística, tendo em vista a recepção de informações sobre diversas comunidades. O conceito de hospitalidade estabeleceu-se como uma das capacidades que possui uma notaçãõ de admitir novos conceitos de forma adequada e para acomodá-los nas relações corretas com outros conceitos. Nesse contexto, a hospitalidade cultural busca garantir às diversas culturas, em

respeito de suas particularidades, éticas, linguísticas e simbólicas. Para tanto, é fundamental uma atuação ética por parte do profissional da informação, tendo em vista que a noção de garantia e hospitalidade cultural deve prezar pelo respeito a todos os grupos étnicos e linguísticos.

Ademais, o cuidado para com a integração de diversidades de culturas demonstra o quão a proposta de garantia cultural pode tornar complexas as discussões no âmbito dos processos e sistemas de organização e representação do conhecimento. Desse modo, Beghtol (2002) afirma que representar e organizar não consistem em processos simples. Nesse sentido, a garantia cultural está voltada necessariamente às questões do acesso do conteúdo. E tal acesso parte do reconhecimento das diversas culturas mediante procedimentos de representação que primem por um tratamento ético dos conteúdos culturais.

Outros conceitos são importantes à discussão da garantia cultural, por essa razão, Beghtol estende à análise de determinados conceitos como, por exemplo, globalização e cultura. Sobre a globalização, a autora sustenta que este conceito retoma a questão das tecnologias de informação, assim como seu desenvolvimento e velocidade em regimes capitalistas. A cultura supõe uma análise transdisciplinar que parte de uma diversidade de elementos que retratam a história, os valores, as línguas, as práticas sociais, a memória coletiva, etc. Nesse sentido, Beghtol apresenta a sua preocupação não apenas com o conceito de cultura, mas com a significado que este sugere quando do tratamento deste e de demais elementos que devem ser considerados no momento de uma representação.

A noção de garantia cultural se torna relevante por provocar reflexões em torno das questões socioculturais. Desse modo, não podemos pensar em representação sem antes reconhecermos o pressuposto da diversidade de culturas, das linguagens e dos contextos das comunidades. A cultura possui peculiaridades simbólicas, linguísticas, valores que compartilham de crenças, visto que é uma dinâmica transformadora, ao mesmo tempo em que cria conhecimentos, transforma-os. Para tanto, devemos atentar para estas características ao buscar estabelecer sistemas de organização e representação do conhecimento.

Nesse escopo, entendemos que a garantia cultural permite que os indivíduos pertencentes a culturas distintas tenham acesso a

informações diversas. Por meio dessa perspectiva de integração entendemos que toda cultura é constituída por diversos elementos e estes devem ser reconhecidos principalmente quando buscamos organizar e representar as culturas das comunidades.

### 2.3. Michèle Hudon e o multilinguismo

O conceito de multilinguismo destaca as reflexões dos tesouros multilíngues propostas nos estudos de Michèle Hudon. Para Ducrot e Todorov (1988, p.67) “Diz-se que um indivíduo é multilíngüe (bi, trilingüe...) se domina várias línguas [...]”. Nesse sentido, o multilinguismo destaca a diversidade de línguas e de culturas que devem ser reconhecidos nos processos de representação.

Hudon (1999) considera a língua como um dos fatores que influenciam as propostas científicas, culturais e de negócios. Nesse contexto, há a predominância da língua correspondente de uma nação dominante. Nesse sentido, Michèle Hudon discorre sobre a necessidade de instrumentos de representação como os tesouros multilíngues que possam auxiliar o processo de indexação, permitindo que os documentos sejam indexados em várias línguas, além do documento original. Com isso, Hudon defende que o tesouro multilíngue passa a atuar como um instrumento que propiciará a relação entre culturas, resultando na comunicação interlinguística (Hudon, 1997, p. 85).

Hudon (1997, p.86) enfatiza que para a elaboração de um tesouro multilíngue, é necessário um tratamento igualitário das línguas, pois este instrumento reflete o universo de conceitos como também de termos utilizados em cada cultura e língua representadas. Desse modo, entendemos que, na elaboração de um tesouro multilíngue, deve-se considerar as múltiplas línguas para que se democratize o acesso aos conteúdos informacionais. De fato não é uma tarefa simples, pois a diversidade de línguas existentes, embora se aproximem em alguns aspectos, carregam em si uma particularidade de signos que são necessários à comunicação, e que consideram também uma diversidade cultural. Consideramos que, conhecer os instrumentos e elaborar os sistemas que organizem e representem o conhecimento é uma atribuição do profissional que agrega valor ao campo da Organização do Conhecimento no contexto da Ciência da Informação.

Hudon (1997, p. 84) ressalta que há uma dimensão cultural definida para o processo de elaboração dos tesouros multilíngues. Nesse sentido, os tesouros podem posteriormente tor-

nar-se mais apropriados para se referir a tesouros multiculturais; ao invés de tesouros multilíngues. Há também uma dimensão política para a construção de tesouros multilíngues, especialmente ao lidar com línguas que não se apresentam contextualmente, com o mesmo prestígio, isto é, que apresentam uma condição superior a demais línguas.

Entende-se que os tesouros multilíngues visam um tratamento igualitário entre as línguas. Nesse aspecto, os tesouros buscam contemplar a questão da diversidade linguística e destacam-se por possibilitar um tratamento ético comparado aos demais instrumentos de representação. Tal proposta reflete também na possibilidade de comunicação entre várias línguas. Além disso, sugere instrumentos que conectem e facilitem a comunicação entre culturas e línguas distintas. Assim, Hudon (1999) menciona que, no contexto das tecnologias de informação, tem-se conseqüentemente o aumento do fluxo informacional. Nesse sentido, evidencia-se também as barreiras geográficas as quais já encontram-se de algum modo superadas pela dinâmica das tecnologias de informação. Porém outra também ainda necessita ser enfrentada: as barreiras linguísticas.

Vale registrar que os tesouros multilíngues possuem a intenção de servir principalmente à indexação, tal como instrumentos auxiliares na recuperação em sistemas de informação multilíngues, ou seja, sistemas de informação com o domínio em diversas línguas. A disposição de um tesouro multilíngue permite que os documentos sejam indexados em uma ou em várias línguas dispostas em um centro de informação. Nesse sentido, as buscas podem ser realizadas em diversos idiomas, na maioria das vezes utilizando uma linguagem do usuário. Tal instrumento busca aproximar diversas culturas e facilitar a “comunicação interlinguística” (Hudon, 1997. p.85).

Com base nas discussões socioculturais de García Gutiérrez, Beghtol e Hudon, elaboramos uma síntese dos conceitos identificados nessas abordagens que se encontra no (Quadro I do Anexo 1).

### 3. A Semiótica da Cultura e seus conceitos

A Semiótica da Cultura é um campo que busca a análise das linguagens existentes entre a natureza e cultura (Machado, 2003, p. 25). É um campo transdisciplinar que dialoga com diversas disciplinas, tais como: Teoria Literária, Linguística estrutural, Semiótica, Crítica da Arte, Ciber-

nética, Teoria da Informação e da Comunicação, Antropologia, Neurolinguística e Etnologia, entre outras.

A Semiótica da Cultura desenvolveu suas discussões sobre os sistemas de signos (cultura, texto cultural, códigos culturais e linguagens), em meados da década de 1960 na Escola de Tártu-Moscou, da Universidade de Tártu, Estônia. Nesse campo, a linguagem é considerada como um dispositivo que se expressa por signos que não possuem, necessariamente, relação direta com os signos linguísticos.

O propósito norteador da Semiótica da Cultura é compreender a comunicação como um processo semiótico, sendo assim, a cultura é entendida como um conjunto unificado de sistemas sógnicos, constituídos por uma dinâmica de códigos e linguagens operados em um contínuo semiótico.

A cultura é um grande texto, aspecto elementar da semiótica moderna, principalmente pelo seu caráter dinâmico e dialógico. A cultura é considerada um texto aberto, pois carrega em si sistemas sógnicos diversos que em sua complexidade dialogam e transformam-se constantemente.

Objetivamos nessa seção apresentar a Semiótica da Cultura. Compreende-se que a análise da linguagem, assim como da cultura no âmbito dessa abordagem semiótica depende necessariamente do reconhecimento de diversos outros sistemas de signos. A seguir, apresentamos alguns dos conceitos relativos à Semiótica da Cultura.

### 3.1. Linguagem

A linguagem na Semiótica da Cultura consiste em qualquer sistema de signos que sirva de veículo para a comunicação, assim como para a produção de cultura em seu sentido amplo (Machado, 2007, p. 28). A linguagem é elemento primordial para representação de um determinado contexto porque passa a atuar como potencializadora da cultura. Dessa maneira, também considera a linguagem um elemento definidor do conhecimento, pois partimos da questão de que sem linguagem não é possível criar e comunicar conhecimento.

A linguagem é também um dispositivo dialógico utilizada pelos sujeitos em virtude do estabelecimento de interações. Lotman (2011), em seu artigo "The place of art among other modelling systems" afirma que a linguagem ocorre no espaço da semiosfera não apenas em substâncias materiais (objetos tangíveis) mas também pode apresentar-se por meios cinéticos. Em "On the

semiosphere" (2005), o autor acrescenta que sem semiosfera uma linguagem não só não funciona, como nem sequer existe. Segundo Torop (2005, p.166), a abordagem de linguagem que se evidencia na Semiótica da Cultura, é resultante de uma ampliação da concepção de linguagem verbal discutida por Jakobson (1985) em "Metalanguage as a linguistic problem". Assim, para a escola fundadora da Semiótica da Cultura, como para os integrantes da Escola de Tártu-Moscou, a linguagem verbal passa a configurar-se como um sistema de nível primário (seria a própria língua).

As linguagens, no sentido da Semiótica da Cultura, são sistemas modelizantes. Os sistemas modelizantes são "sistemas relacionais constituídos por elementos e por regras combinatórias no sentido de criar uma estruturalidade que se define, assim como uma fonte ou um modelo" (Machado, 2003, p. 167). Para a Semiótica da Cultura, a linguagem é um dispositivo que se expressa mediante signos que não possuem necessariamente uma relação direta com os signos linguísticos, mas estes são relevantes à expressão dos signos de caráter não linguístico. Por sua vez, a língua é uma instituição social (Saussure, 1970).

A linguagem é uma forma de comunicação e organização do conhecimento humano. A linguagem, independente de sua unidade expressiva (seja por meio de palavras, de sons ou até imagens), é um sistema de símbolos. Nesse sentido, a linguagem permite que as relações humanas sejam objetivadas. Tais relações são estabelecidas por uma ordem social, isto é, baseiam-se nas necessidades humanas da relação uns com os outros e, desse modo, a linguagem acaba por anteceder a ação comunicativa (Calefo, 2009, p. 71-72).

A linguagem é expressão híbrida, principalmente se observada por uma perspectiva dialógica e de domínio sociocultural. Sobre tal perspectiva recordamos Bakhtin (2004), em sua obra "Marxismo e filosofia da linguagem" em que considera a linguagem uma entidade, um signo ideológico-social, o qual compartilha um processo de interação social que refrata determinadas realidades. Linguagem é compreendida como sistema simbólico que promove a comunicação.

Todo e qualquer elemento simbólico utilizado pelo homem é decorrente de uma necessidade de interação, de comunicação, isto é, requer o relacionamento com os outros. Por isso ressaltamos a função da linguagem no sentido da Semiótica da Cultura que, como elemento de comunicação, a linguagem acontece a partir do diálogo entre os sujeitos e das interações socio-

culturais estabelecidas entre grupos. Por meio da linguagem construímos o cotidiano, na medida em que dispomos de uma interpretação da realidade. Assim, como a linguagem significa e ganha sentido na construção do conhecimento, o contexto e a cultura, e todos os seus processos de tradução e criação de textos, atuam como transformadores das linguagens.

A linguagem é a expressão da cultura. Desse modo, para a Semiótica da Cultura, a linguagem é uma forma de expressão que não se restringe apenas à expressão de signos linguísticos, mas integra uma diversidade de signos através da arte, imagem, som, entre outros códigos.

### 3.2. Cultura

---

A cultura para a Semiótica da Cultura é um conjunto de informações não-hereditárias armazenadas e transmitidas por grupos em domínios diferenciados (Machado, 2003, p.157; Schnaiderman, 2010, p. 31). A cultura em seu aspecto funcional é acumulativa, pois organiza as informações e as conserva, preserva tradições e possibilita a construção do conhecimento.

A cultura é um texto de ampla complexidade. É definida também como o espaço semiótico em constante transição dos signos culturais que interagem por meio de linguagens. De modo geral, a cultura é algo peculiar ao *homo sapiens* (Barát, 2008, p. 92). Sobre isso a autora entende que a cultura é própria do *homo sapiens*, justamente pelo uso de objetos materiais como parte integrante do seu comportamento. A cultura compreende a linguagem, ideias, crenças, costumes, códigos, instituições, ferramentas, técnicas, obras de arte, rituais, cerimônias, entre outros elementos. Desse modo, a cultura é tanto homogeneidade como heterogeneidade.

De acordo com Torop (2002), a cultura tem seus próprios sistemas de signos com os quais comunica-se com seus membros. Assim, uma possibilidade para entender uma cultura é aprender suas linguagens, pois as línguas das culturas tendem a mudar e os seus sinais são ambíguos. A cultura também pode ser percebida como um processo que encontrar-se-á sempre em constante transformação, resultante das relações entre os indivíduos e as suas necessidades humanas de interação.

Para Lotman (1999, p.109, tradução nossa) “A cultura em seu conjunto pode ser considerada como um texto”. Os textos são produções dinâmicas e dependem de uma cultura, uma língua e das linguagens, assim como do contexto para que sejam compreendidos.

A cultura é um elemento dinâmico e dialógico. Também consideramos ser a cultura um sistema aberto e desse modo nos faz refletir sobre os elementos signícos como parte constitutiva de toda e qualquer cultura.

### 3.3. Texto

---

texto é produto da cultura e pode ser algo materializado ou não. O texto, do ponto de vista da Semiótica da Cultura, pode ser uma obra de arte, assim como será também uma música, um romance desde que transmita mensagens. Desse modo, o texto consiste em um elemento semiótico criado através de linguagens diversas, isto é, são construídos e expressados a partir da conceptualização de linguagens que possui caráter dinâmico e busca constituir-se na representação de uma cultura.

Nesse sentido, o texto implica uma construção individual e coletiva, no instante em que se põe à análise e às interpretações. O texto estende-se para a criação de diversos novos textos que ocorre na medida em que um texto, por exemplo, uma obra de arte, será interpretado por sujeitos distintos. Lotman (1999) considera que um texto pode ser construído dentro de outro texto, e tal construção evidencia um mecanismo de interpretação que envolve o autor do texto “original” e o leitor do mesmo. Assim, na cultura temos um constante fluxo de reservas específicas de texto com perda de códigos, ou seja, com a ausência de características que identificam uma cultura e leva a processos de criação de novos códigos, muitas vezes entendidos como reconstruções, como por exemplo, as lembranças (Lotman, 2005, p. 215). Para Lotman (1999, p. 109) texto é um espaço organizado de maneira homogênea, mas que considera a introdução de múltiplos elementos que são agregados de outros textos.

A característica sistêmica da cultura é favorável à construção de textos expressados por diversas linguagens. Nesse sentido, o texto pode apresentar-se tanto em um nível verbal, como em um nível de abstração, o qual procede da interpretação dos sujeitos envolvidos com o texto, sendo deste modo mais complexa a sua interpretação em relação ao texto escrito. Lotman (1990, p. 9-19) *apud* Machado (2011, p. 92) entende texto como um mecanismo de geração de sentidos caracterizado por três funções: a função comunicativa, a função memorial e a função criativa. Vale destacar que a função comunicativa corresponde à capacidade que as linguagens possuem para a comunicação dos textos. A função memorial do texto implica a restauração da memória da cultura, das lembranças de um

passado cultural. A função criativa retrata justamente a capacidade que o texto possui de produzir significados, isto é, de transformar as mensagens, dadas no texto, em outras mensagens atribuindo novos sentidos ao texto. Nesta última função é considerada a manifestação simultânea de várias linguagens.

### 3.4. Contexto

---

Na Semiótica da Cultura o contexto é entendido a partir da concepção de texto. De modo que o contexto representa um determinado texto. Entendemos que o contexto também representa o momento histórico, político, social e cultural no qual os textos da cultura são produzidos e comunicados. Desse modo, o contexto possui uma relação com a ideia de espaço semiosférico, isto é, um espaço em que os sistemas de signos da cultura se comunicam. Segundo Lotman (1990) a semiosfera é então esse espaço no qual a semiose acontece.

Para Torop (2005, p. 169) a semiosfera é um conceito que permite que a Semiótica da Cultura possa chegar a uma nova compreensão do holismo, isto é, de uma análise holística dos processos dinâmicos. Na Semiótica da Cultura, o termo semiosfera congrega as ciências que estudam cultura, a cultura converte-se em semiótica – o desejo de encontrar uma linguagem de descrição que poderia ser traduzida para unificar diferentes linguagens disciplinares e interdisciplinares.

A semiosfera é o espaço semiótico, fora dela a semiose não pode existir. Em resumo, sem atos semióticos distintos não obteremos um universo semiótico. Muito pelo contrário, só a existência de um tal universo - a semiosfera - faz o verdadeiro ato signatário específico (Lotman, 2005, p. 208).

Em suma, o contexto é compreendido como o momento histórico, social e cultural de representação dos textos da cultura. Por essa razão, entendemos o contexto como um espaço de identificação dos textos, de produção e de reconstrução de novos textos que é possível em consequência de um processo de recepção, interpretação e de tradução.

### 3.5. Tradução

---

A tradução na Semiótica da Cultura nos remete à noção de “tradução da tradição”, um mecanismo de conversão da própria cultura. Consideramos a tradução uma atividade interpretativa e a própria cultura é resultado da tradução. Nesse sentido, a tradução não ocorre apenas em um nível linguístico, como a

tradução entre línguas. Torop (2002, p. 603) diz que a Semiótica da Cultura afirma que a cultura é a tradução, e também que a tradução é cultura. A tradução consiste em uma atividade que explica os mecanismos da cultura.

No universo teórico da Semiótica da Cultura, ressaltamos a concepção de tradução da tradição que, segundo Machado (2003, p. 30), “[...] é o encontro entre diferentes culturas a partir do qual nascem códigos culturais que funcionam como programa para ulteriores desenvolvimentos”. A tradução da tradição implica um processo interpretativo dos aspectos culturais. Em outras palavras, é uma ação semiótica que possibilita a interpretação e a compreensão de uma determinada cultura.

Sobre a noção de tradução Torop (2002 p. 593) entende que traduzir é uma atividade e tradução é um resultado desta atividade, porém são conceitos inseparáveis da cultura. Desse modo, a capacidade que a cultura tem de traduzir é uma especificidade da própria cultura. A cultura opera através da atividade de tradução. No entanto, a tradução para a Semiótica da Cultura implica um processo e/ou atividade interpretativa de alta complexidade.

Lotman (1990, p. 143) entende que um “elementar ato de pensar é a tradução”, e diante de uma perspectiva lógica, considera que “o mecanismo elementar de traduzir é o diálogo”. O diálogo evidencia-se na própria relação entre os indivíduos em uma determinada cultura. É no diálogo que a linguagem assume a função de potencializar a representação dos textos da cultura. A representação é uma atividade de tradução.

Compreendemos que para a atividade de traduzir implica conhecer a cultura, compreender como os seus sistemas de signos funcionam, pois a cultura tem seus próprios sistemas de signos ou linguagens com base nos quais os membros da cultura possam se comunicar. Uma possibilidade para entender uma determinada cultura é aprender as linguagens da mesma, assim como os sistemas de sinais que operam dentro da cultura. Outra possibilidade seria uma aproximação da cultura através de eventos e textos que ligam diferentes sistemas de signos, mas que possuam um significado geral que este pode ser descrito (Torop, 2002, p.600).

### 3.6. Sistemas modelizantes

---

Os sistemas modelizantes são sistemas de representação nos quais se destacam as linguagens e os códigos culturais. Segundo Lotman



(1978) *apud* Machado (2007, p.29) a linguagem, além de um sistema de comunicação, é também um sistema modelizante. Com base nisso e no aspecto da representação do texto em análise de sua função comunicativa, por exemplo, a linguagem, enquanto um sistema modelizante e de comunicação, é responsável pela transmissão da mensagem do texto da cultura.

A linguagem, por exemplo, é um sistema modelizante que estabelece relações entre os indivíduos/comunidades e a comunidade receptora, as quais se encontram em uma mesma esfera cultural, fazem uso da mesma língua, porém os valores, costumes, crenças e mitos imbuídos nessa mesma esfera cultural possuem uma complexa variedade e o desenvolvimento de linguagens. Contudo, o uso desse tipo de sistema modelizante que é a linguagem necessita contemplar uma diversidade de expressões que não somente a expressão verbal, mas também a expressão visual, sonora, gestual.

A linguagem é um instrumento mediador e deve facilitar os processos de interpretação dos textos da cultura. Vale destacar que mesmo havendo o uso de apenas um código, por exemplo, a língua, é preciso que tal código seja passível de tradução que contemple o conteúdo do texto, pois a cultura possui em seu sistema de signos uma variedade de sistemas como códigos, linguagens, símbolos etc. Assim, para compreender as mensagens produzidas é necessário o compartilhamento de todos os sistemas de códigos, de linguagens, de símbolos, que garantam a diversidade cultural presente nesses textos.

Os sistemas modelizantes na Semiótica da Cultura são classificados em dois grupos: sistemas modelizantes de nível primário e sistemas modelizantes de nível secundário. No primeiro está a língua, a qual se identifica por sua estrutura verbal; a língua atua como um sistema modelizante primário porque a partir deste é possível o desenvolvimento de diversos outros sistemas como literatura, mitos os quais são construídos em analogia dos sistemas primários (Machado, 2003, p. 167-168). Assim, o código verbal é entendido como um sistema modelizante primário por constituir uma base estrutural. Outros tipos de linguagens como a arte, o mito, entre outras são sistemas secundários, porém possuem uma estrutura distinta da estrutura verbal e possuem a capacidade de desenvolver posteriormente uma estruturalidade (Machado, 2007, p. 29).

A ideia de estruturalidade corresponde à qualidade textual da cultura sem a qual as mensagens não podem ser reconhecidas,

armazenadas e divulgadas (Machado, 2003, p. 158). A língua, para Jakobson (1975), é o código que permite a comunicação, e sem um código comum não há comunicação efetiva. Nesse contexto, o autor propõe a função metalinguística dos discursos, e afirma que os enunciados só podem ser alcançados se o “emissor e destinatário” compartilham o mesmo código.

A linguagem, em seu aspecto dinâmico e expressivo é denominada um sistema modelizante secundário, como já mencionado. Nesse aspecto, a linguagem caracteriza-se como um sistema modelizante de segundo grau por não possuir uma estrutura como a língua, mas há estruturalidades, isto é, uma lógica que implica na compreensão de diversas expressões que contemplam os diversos fenômenos da cultura.

Com base em Torop (1999, p. 10) a linguagem natural, por exemplo, consiste em um sistema de modelagem primária em relação à realidade, isto é, seu contexto, enquanto o sistema de modelagem secundário, como uma linguagem de descrição, relaciona-se com todas as outras linguagens das artes e da cultura como, por exemplo, mitologia, religião, normas de comportamento etc. Consideramos que as linguagens traduzem-se em sistemas abertos da e na cultura. Assim, entendemos que os sistemas modelizantes pressupõem processos de tradução dos textos culturais que ocorrem na construção de novos traços da cultura.

Sobre os conceitos apresentados elaboramos uma síntese que pode ser visualizada no (Quadro II do Anexo 2).

#### **4. Interações entre a Semiótica da Cultura e a Organização do Conhecimento**

Entendemos que tanto as abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento como a perspectiva conceitual trazida pela Semiótica da Cultura apresentam alternativas teóricas para organizar o conhecimento, mesmo entendendo que possuem interesses distintos. Vale ressaltar que as abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento desenvolvem investigações em sistemas de organização e representação do conhecimento na criação de instrumentos que garantam o acesso à informação e ao conhecimento na perspectiva de um tratamento ético do conteúdo realizado pelo profissional.

Nesse sentido, a Organização do Conhecimento deve respeitar as condições simbólicas destas esferas no momento de representar a informação e organizar o conhecimento. Um tesouro, por exemplo, somente pode ser elaborado se

houver o respeito da estrutura linguística dos conceitos e temas de uma comunidade discursiva, pois tal comunidade dispõe de uma cultura materializada em texto, compreendidos como sistemas de signos sociais oriundos de uma diversidade de linguagens.

A Semiótica da Cultura tem como base as discussões sobre linguagem e todo o desenvolvimento de signos da cultura. No entanto, inclina-se às abordagens socioculturais por subsidiar os conceitos de linguagem e cultura. Desse modo, a Semiótica da Cultura produz reflexões que abrangem as perspectivas histórica, antropológica, sociológica e linguística.

Na construção dessa temática e das discussões traçadas no desenvolvimento deste estudo, verificamos um potencial diálogo cuja linha de convergência apresenta-se por uma perspectiva de temas de modo que o direcionamento se dá por um viés sociocultural. Nesse sentido, entendemos que as abordagens destacadas nos dois campos de estudos não convergem necessariamente para uma relação conceitual. Porém, envolvem temáticas que se aproximam e poderiam abrigar uma futura relação interdisciplinar.

Hjørland (2008, p. 98 tradução nossa) evidencia o caráter interdisciplinar da Organização do Conhecimento quando relata que

A Organização do Conhecimento não é apenas algo que a Biblioteconomia pode fazer sem considerar a pesquisa em outros domínios, por exemplo, ciência da computação, linguística e processo natural da língua, teoria do conhecimento, teoria da organização social, etc. Em particular, um entendimento da natureza do conhecimento, cognição, língua e organização social são decisivos para a compreensão da Organização do Conhecimento e, assim, para a habilidade de planejar, avaliar e usar os processos de organização do conhecimento e sistemas de organização do conhecimento. Muitos campos podem ter um interesse na definição de questões do conhecimento ou podem ser consideradas disciplinas relacionadas.

O campo da Organização do Conhecimento é um espaço com capacidade de produzir investigações, de caráter teórico e conceitual. Assim, consideramos que nesse contexto transitam variados domínios que, em geral, contribuem com o seu desenvolvimento e foi sob uma perspectiva interdisciplinar que trouxemos os conceitos de linguagem, cultura, texto, contexto, tradução e sistemas modelizantes por entender que estes compartilham com temas socioculturais e por isso dialogam com os conceitos de ética transcultural, transculturalismo, garantia cultural, hospitalidade cultural e multilinguismo.

No conceito de linguagem, por exemplo, consideramos não somente a língua como um ele-

mento necessário para a comunicação e a representação de um conhecimento, mas também entendemos que as diversas formas de linguagem: visual, verbal, sonora, artística etc. devem ser consideradas pelo fato de estarem presentes em várias línguas. Desse modo, consideramos que realizar análises críticas subsidia uma visão ética e promove a garantia cultural, demonstra não apenas o interesse no tratamento e organização de um conhecimento, mas implica também reconhecer a origem desse conhecimento.

Com base nas análises das abordagens socioculturais compreendemos que é necessário conhecer as culturas, como também suas linguagens e contextos. Para a Organização do Conhecimento entender as culturas implica em um exercício de compreensão dos contextos das comunidades usuárias, pois quando examinamos os aspectos culturais do conhecimento, aceitamos que o conhecimento é consequência das relações sociais e encontra-se imerso a uma diversidade de valores, crenças, costumes, linguagens e códigos que devem ser contemplados para sua representação em um sistema de informação.

O conhecimento pode ser entendido próximo à noção de texto da Semiótica da Cultura. O conhecimento como produto social e cultural é reconhecido em sua dinâmica e contexto, e permite sua recepção via a comunicação/representação. A aproximação que liga a ideia de conhecimento (como um produto fruto de uma construção social) a de texto (produto cultural) supõe que todo texto é passível de interpretações, isto é, de tradução, não sendo diferente com o conhecimento, pois quando um conhecimento é representado este já passou por um processo de tradução em termos semióticos. Esse processo interpretativo requer uma consciência ética sobre os valores e esquemas contidos no conhecimento.

No domínio da Semiótica da Cultura, o fenômeno da tradução nos permite também uma conexão com as abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento, sobretudo, ao que corresponde a noção da garantia cultural (Begthol, 2002). Na garantia cultural, cada indivíduo/comunidade deve ter traduzido adequadamente sua cultura, de maneira que priorize os elementos que identificam a mesma, e sejam refletidos com base em seu contexto a partir do sentido que recebe dos sujeitos nas comunidades. Posto isso, é necessário ressaltar que o processo de tradução na Ciência da Informação ainda implica a passagem de uma língua para outra. Para Lancaster (1993, p. 16) “[...] o processo de tradução envolve a representação da

análise conceitual mediante um termo ou termos extraídos de um vocabulário”.

Contudo, o conceito de tradução utilizado deriva da perspectiva linguística e entendemos que na área de análise documental, por exemplo, a tradução é utilizada para explicar o processo de representação documental (Lara, 1999). Essa representação busca o acesso aos conteúdos documentais. Nesse sentido, a tradução é a passagem da língua do documento para a língua do sistema. O mecanismo de passagem de uma língua para outra também envolve uma atividade interpretativa, mas uma interpretação que se limita a um nível semântico e que considera mudanças em tempo e espaço sobre os sentidos atribuídos aos termos.

Nesse contexto, a ideia de tradução acaba por não ser considerada em sua amplitude, como um processo de tradução cultural, do texto e cultura dos autores e de sua comunidade discursiva para a cultura do sistema da informação e de sua comunidade usuária. No entanto, entendemos que a noção de tradução, na Ciência da Informação, adquire um caráter reducionista e limitador, e pressupomos ser complicado, por exemplo, entender a configuração de novos textos na cultura, de novos conhecimentos. A tradução, na Semiótica da Cultura, enquanto uma atividade interpretativa, é compreendida como resultado da cultura, isto é, das trocas culturais, simbólicas entre os grupos e comunidades discursivas.

Nesse escopo, sobre tradução destacamos a discussão das barreiras linguísticas tratadas por Hudon (1999), assim como a defesa do multilinguismo em que a autora considera respeitar a diversidade de línguas, por isso há necessidade de propor condições para que os indivíduos não fiquem presos a determinismos linguísticos. A autora também expõe a necessidade de um instrumento de representação que disponha de uma diversidade linguística cujo propósito seja o acesso à informação.

Em outra parte dessa discussão encontra-se a garantia de acesso por parte dos sujeitos/usuários com respeito a sua cultura e seu contexto. A garantia cultural busca não somente o acesso a informação, mais a representação democrática de uma determinada cultura. No desdobramento desse diálogo, também está o conceito de ética transcultural de García Gutiérrez (1998, 2002, 2004, 2005 e 2006) e a concepção de transculturalismo que propõem análises transculturais dos fenômenos culturais.

Na Semiótica da Cultura a linguagem é pensada com relação à denominação de linguagem epistemográfica, linguagem documental, isto é, a

linguagem como elemento expressivo do conhecimento e de uma cultura. A linguagem modeliza-se no intuito de representar e socializar um conhecimento, assim como um texto com ênfase nos contextos culturais. Portanto, consideramos que as noções destacadas, tanto no que se refere às abordagens socioculturais como da Semiótica da Cultura, nos direcionam a uma comparação interdisciplinar.

Nesse contexto, a linguagem é elemento comunicador entre um sistema de signos culturais, traduzidos por meio de um sistema que venha representar o conhecimento dos indivíduos, grupos e comunidades. A linguagem deve ser analisada não apenas por sua diversidade linguística, mas também de sua diversidade cultural imbuída na configuração do conhecimento, pois as comunidades em uso das linguagens requerem garantias, tendo em vista a apropriação tanto da cultura como do conhecimento.

A linguagem é um mecanismo potencializador do conhecimento, e em termos semióticos é um instrumento decodificador da cultura. Vale ressaltar que existem várias outras concepções na Semiótica da Cultura que poderiam ser mencionadas e exploradas nessa discussão, porém buscamos destacar as que mais representavam a temática desta pesquisa.

Para tanto, buscamos evidenciar as interações entre as perspectivas investigativas mencionadas neste estudo em que o intuito foi verificar a partir das discussões das abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento e da Semiótica da Cultura diálogos interdisciplinares.

## 5. Considerações finais

Organizar e representar um conhecimento são atividades de tradução da cultura. Desse modo, entender a origem de qualquer conhecimento implica uma atividade semiótica. Assim, conhecer os contextos é conhecer as culturas e as linguagens. É ainda ter o conhecimento dos códigos, símbolos e linguagens que caracterizam e identificam os indivíduos e as comunidades.

Nesse sentido, consideramos que a linguagem é um instrumento cultural potencializador do conhecimento humano (Semprini, 1999) é o “próprio objeto do conhecimento” (Mendonça, 2000, p. 65). Sendo esta objeto do conhecimento, é prudente afirmar que existem diversas formas de linguagens e por isso entendemos que em cada linguagem haverá uma manifestação distinta do conhecimento, pelo fato de existir uma diversidade de culturas.

A concepção de cultura no contexto da Organização do Conhecimento não pode ser fechada e

determinada pelas relações interdisciplinares já estabelecidas (como, aliás, não deve ser em nenhum contexto). Assim, devemos valer-nos de uma perspectiva alargada quanto ao problema da diversidade cultural na sociedade. A cultura é em si diversificada e tal diversificação pode ser entendida a partir do contexto em que tratamos a cultura e a sua multiplicidade de elementos os quais caracterizam a própria cultura. Na Semiótica da Cultura, verificamos que os conceitos de linguagem, cultura, texto, contexto, tradução e sistemas modelizantes tratam de considerar os contextos culturais para uma análise semiótica da linguagem na cultura.

Sustentamos o argumento de que a concepção de linguagem constitui-se um elemento de aproximação com as perspectivas socioculturais da Organização do Conhecimento, por ser necessária para a produção e comunicação do conhecimento, tendo como objeto de análise os contextos culturais que condicionam a interpretação dos sujeitos. Verificamos que o conceito de linguagem é destacado nas discussões sobre “diversidade linguística” em seu aspecto multilíngue evidenciado por Hudon (1999), assim como a noção de “garantia e hospitalidade cultural” de Begthol (2002) e ainda na abordagem sobre transculturalidade tratada por García Gutiérrez (2002a; 2002b; 2002c). Essas análises possuem estreita relação com as teorias culturais e da linguagem e podem dar margem para uma perspectiva semiótica da produção, representação e organização da linguagem em nosso campo.

Ressaltamos que a Semiótica da Cultura fornece aportes teóricos à Organização do Conhecimento, visto que viabiliza a valorização dos aspectos culturais, e, particularmente, da diversidade cultural nas discussões sobre a linguagem em sentido amplo e nas questões particulares das linguagens documentárias, no domínio da Linguística Documentária e da Análise Documentária.

O objetivo deste estudo foi investigar as possíveis interações de ordem teórico-conceituais fornecidas pela Semiótica da Cultura para as abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento. Desse modo, a perspectiva da linguagem, além dos demais conceitos mencionados no desenvolvimento deste estudo com foco na teoria da Semiótica da Cultura atuam como elementos interdisciplinares e podem sugerir diversos temas de estudos para o campo da Organização do Conhecimento, mais precisamente, àqueles que estejam inclinados às abordagens socioculturais.

A concepção da linguagem pode ser entendida como elemento de aproximação na temática abordada, com as perspectivas socioculturais da Organização do Conhecimento. Desse modo, é necessário entender que em outros contextos, isto é, em outros campos de estudo, a linguagem será necessária para a produção e comunicação do conhecimento, tendo em vista a análise dos contextos culturais que possam permitir a interpretação dos sujeitos/comunidades/usuários.

Compreender a cultura e os contextos para a organização e representação do conhecimento é necessário não apenas para o registro, mas para que a cultura encontre-se em tal registro, isto é, que seja contemplada tanto a sua diversidade cultural como linguística e, desse modo, seja garantida a comunicação dos conteúdos da cultura, das comunidades e contextos.

Entendemos que a linguagem é o centro desta discussão nas abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento, desde que seu contributo seja favorecer o entendimento dos contextos culturais que estabelecem relação entre a cultura/texto e a comunidade/coletivo. Pois a linguagem é um mecanismo expressivo que as comunidades e culturas utilizam na socialização do conhecimento.

Consideramos que o campo da Organização do Conhecimento contempla estudos que se aproximam em diversos aspectos e podem desse modo estabelecer inúmeros diálogos, sejam em um nível teórico ou conceitual, mas que implicam em análises interdisciplinares. Porém, com este estudo enfatizamos que o diálogo se destaca em um nível temático e não necessariamente conceitual. No entanto, entendemos que os conceitos apresentados não convergem para um mesmo sentido, mas destacam em suas análises que pode haver relações teóricas de caráter interdisciplinar e podem desencadear *a posteriori* diversas análises com base nos aspectos socioculturais.

Em suma, a linguagem é elemento de identificação das culturas e entendemos que a noção de cultura da Semiótica da Cultura será melhor incorporada na Organização do Conhecimento se considerarmos o contexto como central, na medida em que há uma diversidade de contextos que garante que um determinado conhecimento produzido coletivamente seja organizado e posteriormente representado com o objetivo de recuperar a informação.

## Referencias

Bakhtin, M. (2004). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 10.ed. São Paulo: Hucitec.

- Barát, Ágnes Hajdu. (2008) Knowledge Organization in the Cross-cultural and Multicultural Society. En: ARSENAUT, C. ; TENNIS, J. T. (Ed.). *Cultural and identity in knowledge organization*. Advances in Knowledge Organization. Canada: ERGON-Verlag, v. 11. p.84-90
- Barité, M. (2011). La garantía cultural como justificación en sistemas de organización del conocimiento: aproximación crítica. *Palabra Clave* (la Plata. En línea), Universidad de la Sabana.
- Barité, M. (2001). Organización del conocimiento: un nuevo marco teórico-conceptual em Bibliotecología y Documentación. In: CARRARA, K. (Org.). *Educação, universidade e pesquisa*. Marília: Unesp-Marília-Publicações, p. 35-60.
- Begthol, C. (1986). Semantic Validity: concepts of warrant in bibliographic classification systems. *Library Resources & Technical Services*. v. 30, n. 2, p. 109-125.
- Begthol, C. (1995). Domain analysis, literary warrant, and consensus: the case of fiction studies, *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, 46, n. 1, p. 30-44.
- Begthol, C. (2001). Relationships in Classificatory structure and meaning. In C.A. Bean & R. Green, (eds.). *Relationships in the organization knowledge*. Dordrecht, Netherlands: Kluwer, p. 99-113.
- Begthol, C. (2002). Universal concepts, cultural warrant, and cultural hospitality. In: López-Huertas, M. J. (Ed.). *Challenges in knowledge representation and organization for the 21 century: integration of knowledge across boundaries*. Würzburg: ERGON-Verlag. p.45-49. (Advances in Knowledge Organization, 8).
- Begthol, C. (2005). Ethical decision-making for knowledge representation and organization systems for global use. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, New York, v. 56, n. 9, p. 903-912.
- Beuchot, M. (2004). *La semiótica: teorías del signo y el lenguaje em la historia*. México: Fondo de Cultura Económica, 2004, p. 7.
- Brascher, M. Café, L.M.A. (2011.). Organização do conhecimento: teorias semânticas como base para estudos e representação de conceitos. *Inf. Inf.*, Londrina, v.16. n.3. p. 25-51, jan./jun.
- Calefato, P. (2009). Language in social reproduction: sociolinguistics and sociosemiotics. *Sign Systems Studies*. v. 37, n. ½.
- Campbell, G. (2000). Queer theory and the creation of contextual subject access tools for gay and lesbian communities. *Knowledge Organization*, v.27, n. 3, p. 122-131.
- Campbell, G. (2010). Tensions between language and discourse in north american knowledge organization, *Knowledge Organization*, v. 37, n. 1, 2010. p. 51-57.
- Coelho Neto, J.T. (2010). *Semiótica, Informação e Comunicação*. São Paulo: Perspectiva.
- Dahlberg, I. (2006). Knowledge organization: a new science? *Knowledge Organization*, Frankfurt, 33 (1). p.11-19.
- Ducrot, O.; Todorov, T. (1988). Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem. 2.ed. rev. amp. São Paulo: *Perspectiva*.
- García Gutiérrez, A. (1998). *Principios de lenguaje epistemográfico: la representación del conocimiento sobre Patrimonio Histórico Andaluz*. Sevilla: Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, (Cuadernos técnicos, 3).
- García Gutiérrez, A. (2002a). Knowledge organization from a "culture of the border": towards a transcultural ethics of mediation. In: López-Huertas, M. J.(eds.). Challenges in knowledge representation and organization for the 21st century: integration of knowledge across boundaries . Würzburg: *ERGON-Verlag*, pp. 5L6-522.
- García Gutiérrez, A. (2002b). *La memoria subrogada: mediación, cultura y conciencia en la red digital*. Granada: Editorial de la Universidad de Granada, 2002b. Arquivo em meio magnético.
- García Gutiérrez, A. (2002c). Exomemoria y cultura de frontera: hacia una ética transcultural de la mediación. *VII Congreso Internacional sobre Organización del Conocimiento celebrado en Granada (España)*, Granada España.
- García Gutiérrez, A. (2004). *Otra memoria es posible: estrategias descolonizadoras del archivo mundial*. Sevilla: Universidad de Sevilla.
- García Gutiérrez, A. (2006). Científicamente favelados: uma visão crítica do conhecimento a partir da epistemografia. *Transinformação*, Campinas, v.18, n.2, p.103-112, maio/ago.
- García Gutiérrez, A. (2008). *Otra memória é possível: estratégias descolonizadoras do arquivo mundial*. Petrópolis: Vozes.
- Guimarães, J. A. C.; Fernández-Molina, J.C. (2003). Los aspectos éticos de la organización y representación del conocimiento em la revista Knowledge Organization. In: Frías Montoya, J.A. and Travieso, C. de., Tendencias de investigación em organización del conocimiento. Salamanca: Universidad de Salamanca. pp. 809-16.
- Guimarães, J. A. C. et al. (2005) Aspectos éticos en organización y representación del conocimiento: un análisis de la bibliografía científica en busca de una categorización preliminar de valores. In: Gascón, J.; Burguillos, F.; Pons, A. (Ed.). *La dimensión humana de la organización del conocimiento*. Barcelona: Universitat de Barcelona. p. 278-285.
- Hjørland, B. (2003). Fundaments of knowledge organization. *Knowledge Organization*, v.30, n. 2, p.87-111.
- Hjørland, B. (2007). Semantics and Knowledge organization. *Annual Review of Information Science and Technology*, 41(1). 367-405. Recuperado em agosto, 2013 de em:[http://www.academia.edu/1912560/Semantics\\_and\\_knowledge\\_organization](http://www.academia.edu/1912560/Semantics_and_knowledge_organization)"[http://www.academia.edu/1912560/Semantics\\_and\\_knowledge\\_organization](http://www.academia.edu/1912560/Semantics_and_knowledge_organization)
- Hjørland, B. (2013). Theories of knowledge organization-Theories of knowledge. *Knowledge Organization*, v. 40, n. 3, p 169-181.
- Hudon, M. (1997). Multilingual thesaurus construction: integrating the views of different cultures in one gateway to knowledge and concepts. *Knowledge Organization*. v. 24, n.2 , p84-91..
- Hudon, M. (1999). Accessing documents and information in a world without frontiers. *The Indexer*, London, v. 21, n. 4, p. 156-159.
- Hudon, M. (2003). True and tested products: thesauri on the web. *The Indexer*, London, v. 23, n. 3,p. 115-119, ISKO. About ISKO. Recuperado em agosto, 2013 de <<http://www.isko.org/about.html>"<http://www.isko.org/about.html>>
- Hulme, E. W. (1911.). *Principles of book classification*. Library Association Record, London, v. 13, p. 354-358.
- Jakobson, R.(1985). Metalanguage as a linguistic problem. In: Jakobson, R. Selected Writings. v. 7. p. 113–12. The Hague: Mouton.
- Jakobson, R. (1995). *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix.
- Lancaster, F. W. ( 1993). *Indexação e resumos: teoria e prática*. Brasília: Brinquet de Lemos/Livros.
- Lara, M.L.G. de.(1999). *Representação e linguagens documentárias: bases teórico-metodológicas*. São Paulo, 1999. 208f. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação)

- ção)-Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Lara, M.L.G. de. (2011). Conceitos de Organização e representação do conhecimento na ótica das reflexões do grupo tema. *Inf. Inf.*, Londrina, v.16, n. 3. p.92-121, jan/jun.
- López-Huertas, M. J.( 2006). Análisis del dominio interdisciplinar para la representación y organización del conocimiento. In: González de Gómez, M. N.; Orrico, E. G. D. *Políticas de memória e informação: reflexões na organização do conhecimento*. Natal: EDUFRRN, p. 209-235.
- López-Huertas, M. J. ( 2008). Cultural impact on Knowledge Representation and Organization in a Subject Domain. In: Arsenaut, C.; Tennis, J. T. (Ed.). *Cultural and identity in knowledge organization*. Würzburg: Ergon Verlag. v.11. p. 304-346. (Advances in Knowledge Organization, 11).
- López-Huertas, M. J. (2010). Epistemological dynamics in scientific domains and their influence in knowledge organization. In: Gnoli, C.; Mazzocchi, F. (Ed.). *Paradigms and conceptual systems in knowledge organization*. Italy: ERGON VERLAG. p. 91-97.(Advances in Knowledge Organization, 12).
- Lotman, Y. M. (1990). *Universe of the mind: a semiotic theory of culture*. London: I.B. Tauris & CO. LTD.
- Lotman, Y. M. (1999). *Cultura y explosión: lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social*. España: Gedisa editorial.
- Lotman, Y. M. (2002). Umwelt and semiosphere. *Sign Systems Studies*. v.30, n.1, p.33-40.
- Lotman, Y. M. (2003a). Sobre el concepto contemporáneo de texto. *Entretextos. Revista Electrónica Semestral de Estudios Semióticos de la Cultura*,(2). Recuperado em julho, 2013 de em:<<http://www.ugr.es/~mcaceres/entretextos/pdf/entre2/lotman.pdf>><http://www.ugr.es/~mcaceres/entretextos/pdf/entre2/lotman.pdf>>
- Lotman, I. M. (2003b). El símbolo en el sistema de la cultura. *Entretextos. Revista Eletrónica Semestral de Estudos Semióticos de la Cultura*.n.2,Nov. Recuperado em julho de 2013 em:<<http://www.ugr.es/~mcaceres/entretextos/pdf/entre2/escritos/escritos4.pdf>>
- Lotman, I. M. (2005). On the semiosphere. *Sign Systems Studies*. v. 33, n. 1, p. 205-229.
- Lotman, I. M. (2011). The place of art among other modelling systems. *Sign Systems Studies*. v. 39, n. 2/4 p. 249-270.
- Lotman, I. M. (2013). On the dynamics of culture. *Sign Systems Studies*. v. 41, n. 2/3 p. 355-370.
- Machado, I. (2003). *Escola de Semiótica: a experiência de Tártu - Moscou para o estudo da cultura*. São Paulo: Ateliê Editorial. 189p.
- Machado, I. (2007). *Semiótica da Cultura e Semiosfera*. São Paulo: Annablume/Fapesp.
- Mendonça, E. S. (2000). Linguística e ciência da informação: estudos de uma intersecção. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 50-70, set./dez.
- Peirce, C. S.(1990). *Semiótica*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva.
- Saussure, F. de. (1970). *Curso de lingüística geral*. 2. ed. São Paulo: Cultrix.
- Semprini, A. (1999). *Multiculturalismo*. Bauru, SP: EDUSC, 178 p.
- Schneiderman, B. (1979). *Semiótica Russa*. São Paulo: Perspectiva.
- Schneiderman, B. (2010). *Semiótica Russa*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva.
- Smiraglia, R. P.( 2002). The progress of theory in knowledge organization. *Library Trends*, v. 50, n. 3, p. 330-349.
- Smith, M. M.(2001). Global information justice: rights, responsibilities, and caring connections. *Library Trends*, Champaign, v. 49, n. 3, p. 519-537. Disponível em:<<http://web.b.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=440dadb2-5035-4c36-b6c2-23920712b55f%40sessionmgr113&vid=2&hid=126>>
- Torop, P. (1999). Cultural semiotics and culture. *Sign Systems Studies*. v. 27. p. 9-23.
- Torop, P. (2002). Translation as translating as culture. *Sign Systems Studies*. v.30, n.2, p.593-605.
- Torop, P. (2005). Semiosphere and/as the research object of semiotics of culture. *Sign Systems Studies*. v. 33, n. 1, p. 159-173.

## Anexo 1

### *Abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento*

<i>Conceitos</i>	<i>Síntese</i>
Ética transcultural da mediação	É uma proposta conceitual que busca agregar elementos éticos, políticos e socioculturais nos processos de organização e representação do conhecimento.
Transculturalismo	Reforça sobre a diversidade cultural, e a fusão entre culturas. Nesse aspecto, se opõe a perspectiva do multiculturalismo.
Garantia Cultural	Consiste na proposta de uma garantia de acesso ao conhecimento e desse modo considera os valores, as línguas e as crenças de diversas culturas e comunidades.
Hospitalidade Cultural	Prevê, necessariamente, além da garantia de acesso à informação, a recepção dos conteúdos culturais representados.
Multilinguismo	Refere-se ao domínio de várias línguas.

Quadro I. *Síntese dos conceitos identificados das abordagens socioculturais da Organização do Conhecimento*

## Anexo 2

### *Semiótica da Cultura*

<i>Conceitos</i>	<i>Síntese</i>
Linguagem	Sistema modelizante de nível secundário com a função de expressar os textos da cultura por diversas formas: visuais, verbais, sonoras, etc.
Cultura	É um sistema complexo de signos onde estão presentes os códigos, as linguagens e todos os elementos simbólicos da cultura. Para a Semiótica da Cultura, a cultura é informação, independente que seja materializada ou não, mas desde que possa ser transmitida por meio da memória coletiva.
Texto	Consiste na produção da cultura e se expressa por meio de diversas linguagens aprimoradas na dinâmica das culturas e suas comunidades.
Contexto	Representa o momento histórico, social, político, cultural em que o texto da cultura é produzido. O contexto favorece o conhecimento das culturas e nos permite a partir de diversas perspectivas compreender os textos culturais.
Tradução	É um processo interpretativo da cultura. Implica tanto em uma atividade, tradução, como no resultado da atividade interpretativa que é traduzir.
Sistemas modelizantes	São sistemas de representação da cultura e atuam na representação da cultura assim como de todos os sistemas de signos desenvolvidos na cultura. Desse modo, são caracterizados sistemas modelizantes de nível primário, a língua e os sistemas modelizantes secundários que são as linguagens.

Quadro II. *Síntese dos conceitos destacados na Semiótica da Cultura*